



“TODOS OS CAMINHOS LEVAM A DEUS”: UMA ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES DE GÊNERO NO TRÂNSITO RELIGIOSO DE PENTECOSTAIS PARA A IGREJA METODISTA NA REGIÃO DO ABCD PAULISTA.

Patricia Cristina da Silva Souza Alves¹

Apresentação

O conteúdo aqui apresentado trata-se de material produzido em face à dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo em fase produção e constituída por uma pesquisa de campo. Esta pesquisa visa analisar as motivações de gênero no trânsito religioso de pentecostais para a Igreja Metodista na região do ABCD paulista (Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema). O que se pretende é analisar, sob o olhar de gênero, a incidência de um fluxo migratório pouco observado até aqui em pesquisas sobre o tema, ou seja, o trânsito religioso de pentecostais para uma igreja protestante histórica ou de missão, partindo da premissa de que dentre as motivações para este tipo de trânsito está a questão de gênero.

Referencial Teórico

Para análise de qualquer tema em uma pesquisa é importante assinalar alguns aspectos conceituais a serem aplicados em sua produção. Ao analisar o trânsito religioso sob o enfoque de gênero tangencia-se uma temática mais ampla – ou seja, a religião. Assim, nesta pesquisa entende-se que a:

“religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades [...]”²

Neste contexto de construção sócio-cultural da religião, está a questão do gênero, porque as relações de gênero estão contidas na religião ou na religiosidade humana do mesmo modo que estão

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena (Unisal), 1997; graduada em Teologia Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, 2007.

² SOUZA, Sandra Duarte. *Religião e Secularização: o gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes*. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil – Ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 8.



contidas em todos os âmbitos da sociedade, seja o familiar, o educacional, o profissional etc. Onde houver relações pessoais, aí haverá relações de gênero.

A fundamentação teórica para gênero aplicada a esta pesquisa envolve alguns autores e obras, com destaque para Joan Scott e Pierre Bourdieu, dentre outras citações. A conceituação chave de gênero, aplicado nesta pesquisa é a de Joan Scott, para quem:

“o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de significar às relações de poder.”³

Para ela, utilizar a categoria gênero em análises sociais significa rejeitar explicitamente as justificativas biológicas para as desigualdades nas relações sociais entre os sexos, isto é, afirma que a diferença entre os sexos não se dá por questões biológicas, senão porque elas são socialmente construídas.

Para Pierre Bourdieu, o conceito de gênero também se baseia na distinção entre sexos, entretanto para ele o gênero é definido como uma construção social, histórica e cultural das diferenças. É um conceito relacional tendo em vista que masculino e feminino se definem por mútua oposição, inscrevendo-se numa relação de poder. Deste modo, Gênero é um conceito relacional, mas também uma estrutura de dominação simbólica porque as relações de gênero são relações de poder em que *"o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas"*⁴. Para ele, a construção dos gêneros se dá:

“tendo apenas uma existência relacional, cada um dos dois gêneros é produto do trabalho de construção [...] ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário a sua produção como corpo socialmente diferenciado do gênero oposto...”⁵

Se gênero é um conceito relacional e uma estrutura simbólica produto de um trabalho de construção, é factível pensar que questões de gênero possam levar ao trânsito religioso, principalmente se considerarmos que relações de gênero são relações de poder e, deste modo, o masculino e o feminino procuram um espaço onde estas relações lhes sejam mais confortáveis.

O trânsito religioso é parte fundamental da temática desta pesquisa. Os principais autores a pautar o referencial teórico deste assunto são: Antonio Flávio Pierucci, Reginaldo Prandi, Sandra Duarte de Souza, Ronaldo Almeida, Paula Monteiro, dentre outras citações.

Assim, o trânsito religioso para Reginaldo Prandi parte da idéia de que *“a religião não é mais para sempre”*⁶ (1996, p. 76), “num contexto em que a religião vai se ajustando cada vez mais

³ SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS. Corpo, 1996. p. 61.

⁴ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 34.

⁵ Id., *ibid.* p. 34.

⁶ PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, conversão e serviço*. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1996, N° 45, p. 76.



à idéia da escolha, da livre escolha que faz frente a variadas necessidades e diversas possibilidades de tê-las atendidas” na busca do sagrado.⁷ Neste sentido, Sandra Duarte de Souza assinala que:

“[...] o sujeito de fé tem feito suas próprias combinatórias simbólicas, transitando em diversas expressões religiosas e apropriando-se de significantes específicos de acordo com a especificidade de suas necessidades.”⁸

Assim, o trânsito religioso se configura na necessidade do indivíduo, a partir do estabelecimento ou criação de um sistema religioso simbólico particular, onde os valores ou significantes admitidos pelo sujeito de fé nem sempre são compatíveis com os bens simbólicos oferecidos por determinada religião, gerando assim a necessidade do trânsito religioso.

O referencial teórico principal quanto à conceituação de trânsito religioso aplicado a esta pesquisa é o de Sandra Duarte de Souza, que propõe uma compreensão partindo de três tipos, a saber: o trânsito de pertença; o trânsito pertencente e o trânsito sem pertença. Nesta dissertação, aplicar-se-á o trânsito de pertença que aquele “*ocasionado pela mudança de pertença religiosa, em que o sujeito religioso muda de confissão religiosa, adotando dogmas e doutrinas de sua nova religião*”⁹, e ao se tornar uma prática constante, “*gera uma rotatividade incessante de “seus” (não tão seus) fiéis” (não tão fiéis)” ou seja, a instituição perde o domínio do seu “rol de membros”*”.¹⁰

No contexto de trânsito religioso desta pesquisa, isto é, entre pentecostais e protestantes históricos; os protestantes históricos são representados pelas igrejas herdeiras da Reforma, principalmente oriundas da Europa e dos Estados Unidos da América, principalmente com a imigração de europeus no século XIX. Dentre suas principais denominações estão a Luterana, a Batista, a Presbiteriana, a Metodista, a Episcopal e a Congregacional. Elas “*estão enraizadas na cultura e na sociedade brasileira, e caracterizam-se por baixo grau de proselitismo (se comparado aos pentecostais), vindo a reproduzir-se tradicionalmente, de geração em geração*”.¹¹

Por outro lado, o pentecostalismo aqui assinalado é aquele que se apresenta segundo a conceituação de Israel de Araújo em seu Dicionário do Movimento Pentecostal. Para ele o pentecostalismo pode ser definido da seguinte forma:

Crença segundo a qual o falar línguas estranhas (glossolalia) ocorrido com os discípulos de Jesus no dia de Pentecostes, em Jerusalém (At 2.1-13), pode ser experimentado por crentes hodiernos, por meio do batismo no Espírito Santo, os quais podem buscar e praticar os dons espirituais (1 Cor 12.1-11). É também chamado de “fé pentecostal”. O seja, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por

⁷ PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, conversão e serviço*. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1996, N° 45, p. 65.

⁸ SOUZA, Sandra Duarte. *Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua*. In: *Estudos de religião*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001, n° 20. p. 29.

⁹ Id., ibid. p. 160.

¹⁰ Id., ibid. p. 160.

¹¹ BECKER, Jonas Rodrigo. *Trânsito religioso: Uma releitura crítica a partir da Teologia Prática – Desafios e perspectivas*. São Bernardo do Campo, dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, 2002. p. 79.



intermédio do Espírito Santo, em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênção e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas e concretas amostras de seu supremo poder e inigualável bondade.

Os pentecostais enfatizam uma experiência pós-conversão conhecida como “batismo no Espírito Santo”. A singularidade do ensino dos pentecostais, contudo, é que os dons do Espírito (charismata) devem normalmente acompanhar esta experiência do batismo e continuar a ser manifestados na vida do crente e na vida da igreja.

O ensino da “evidência inicial” é o ponto central da teologia da maioria das igrejas pentecostais clássicas em todo o mundo. Este ensino enfatiza que o falar em línguas (glossolalia) desconhecidas ao falante é o primeiro sinal necessário para se saber que alguém recebeu a experiência pentecostal. Este ensino é baseado no fato de que as línguas apareceram quando o Espírito foi derramado na Igreja primitiva, em Atos 2,10 e 19, e estão implícitas em Atos 8 e 9.¹²

Por fim, uma vez assinaladas, ainda que de forma breve e sem a profundidade que o tema merece, as principais conceituações englobadas na temática desta pesquisa, passo a expor a problemática do tema.

Problematização

Considerando as conceituações apresentação no subtítulo anterior, religião e gênero são agentes transformadores da sociedade que interagem entre si. Do mesmo modo gênero e trânsito religioso são agentes transformadores da religião e da religiosidade humana. Assim, na observação de qualquer religião, gênero é um elemento indispensável. Para Maria das Dores C. Machado e Cecília L. Mariz, gênero é certamente uma variável-chave no estudo de qualquer religião no Brasil, principalmente porque a mulher é maioria na maior parte dos grupos religiosos, segundo dados extraídos de pesquisa ISER realizada em 1996.¹³

Deste modo não se pode entender a dinâmica destes movimentos religiosos, bem como especificamente a dinâmica do trânsito religioso, sem analisar o papel que eles desempenham na e através da vida de mulheres como componentes majoritários destas religiões (dados do Censo 2000 – IBGE), bem como na vida de homens, porque, ainda que minoritários numericamente, detêm o maior poder eclesiástico e administrativo dentro das igrejas¹⁴, o que demonstra a reprodução de sistemas simbólicos econômicos-sociais vigentes na sociedade contemporânea, nas religiões/igrejas de um modo geral, determinando o lugar de homens e de mulheres também na prática da religiosidade humana. Estes lugares na religiosidade humana são papéis legitimados sacralmente, conforme diz Eliane Moura da Silva:

¹² ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do Movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CCPAD. 2007. p. 567

¹³ MACHADO, M. D. C. ; MARIZ, C. L. . *Mulheres e Práticas Religiosas - um estudo comparativo das CEBs, Comunidades Carismáticas e Pentecostais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 34, p. 71-87, 1997. Disponível em: < http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_05.htm.> Acesso em: 02/12/2009.

¹⁴ SOUZA, Sandra Duarte. Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. In: *Estudos de religião*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001, n° 20. p. 41.



“os papéis de gênero são, então, sacralizados e baseiam-se na idéia de que homens e mulheres foram divinamente criados como tipos de pessoas com funções diferentes e complementares. Os hábitos e costumes dos papéis sociais de gênero fazem parte de uma ordem divina e qualquer alteração significa pecado, transgressão e as conseqüências são sempre funestas:[...]”¹⁵

E nesta “ordem divina”, caberia ao homem o poder, não somente o sacerdotal, como também o administrativo-financeiro e à mulher o papel de submissão. E estes papéis sócio-culturalmente construídos podem contribuir para o trânsito religioso, principalmente no caso das mulheres, conforme se pode verificar nas palavras de Sandra Duarte de Souza:

“A menor presença de mulheres em situações de poder religioso institucional parece facilitar o seu trânsito, devido não estarem necessariamente comprometidas com a manutenção de um modelo tradicional específico [...] Por não ocupar posições de poder que impliquem na estrita reprodução da tradição religiosa da qual participam, as mulheres que por ela transitam tipificam muito bem a atual relativização da figura do fiel, relativizando, também, a influência da instituição sobre suas vidas.”¹⁶

Esta relativização se dá em face de um fenômeno já conhecido que é a secularização da religião, que favoreceu a relativização do poder religioso e o enfraquecimento da capacidade reguladora das instituições. Nas palavras de Sandra Duarte de Souza:

“O fenômeno da secularização tem redimensionado o lugar da religião na contemporaneidade, que vai perdendo seu lugar na matriz significativa das relações sociais, para assumir um status menos nobre, dividindo a produção de significados com outras instâncias do saber”¹⁷

E este redimensionamento do lugar da religião na vida do fiel, no que concerne à questão de gênero, passa necessariamente pela recolocação e pela redefinição dos papéis de gênero na sociedade moderna, imposta, em parte, pelo capitalismo e sua ascensão globalizante, que tem levado a mulher a ocupar cada vez mais posições de destaque e poder na sociedade.

Assim, se a menor presença de mulheres em situações de poder religioso institucional, como resultado de uma construção sócio-cultural, pode facilitar o seu trânsito, é também possível conjecturar sua busca por um novo lugar religioso institucional que a emancipe de papéis de gênero pré-estabelecidos e a conduza a uma nova posição de poder e de conforto no campo religioso.

E, baseado nisto, a hipótese levantada nesta pesquisa é que existe um trânsito religioso de igrejas pentecostais para igrejas protestantes clássicas, cujas motivações foram e são influenciadas por este processo de estabelecimento de um novo lugar para o homem e a mulher na religião e no campo religioso brasileiro.

¹⁵ SILVA, Eliane Moura da Silva. *Fundamentalismo Evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas*. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil – Ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 19

¹⁶ SOUZA, Sandra Duarte. *Religião e Secularização: o gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes*. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil – Ensaios feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 41.

¹⁷ Id., *ibid.* p. 37.



JUSTIFICATIVA

O tema se impõe, em primeiro lugar, em face à recolocação e a redefinição dos papéis de gênero na sociedade moderna. Se o capitalismo e sua globalização, através do processo de secularização, influenciaram o pensamento da igreja quanto ao uso da mídia, da divulgação e venda de produtos relacionados à fé etc, é factível pensar que a inclusão de gênero que vem ocorrendo na sociedade, reduzindo as diferenças entre homens e mulheres e buscando garantir a ambos direitos outrora negados constitucionalmente como a facilitação do processo de divórcio e a partilha de bens, ou ainda o reconhecimento da união estável etc, também podem repercutir na visão do fiel com relação a sua fé e principalmente quanto ao papel regulador da igreja (instituição) em sua vida.

Em segundo lugar, a imposição do tema se dá em face à maioria da presença da mulher nas religiões e também pelo fato de que são elas as que mais transitam. Esta presença feminina nas religiões aliada às transformações sociais, podem ter influenciado o surgimento de uma nova lógica no trânsito religioso.

Nova lógica porque conforme pode-se ver na tabela e no gráfico abaixo, extraído de pesquisa realizada por Ronaldo de Almeida e Paula Monteiro¹⁸, o número de mulheres era maior em quase todas as religiões, excetuando-se o protestantismo histórico (clássico) e os sem religião.

TABELA 1

**Distribuição dos Indivíduos de 16 a 65 anos, por Sexo, Estratos Amostrais e Faixas Etárias, segundo Religião Atual
 Brasil – 1998**

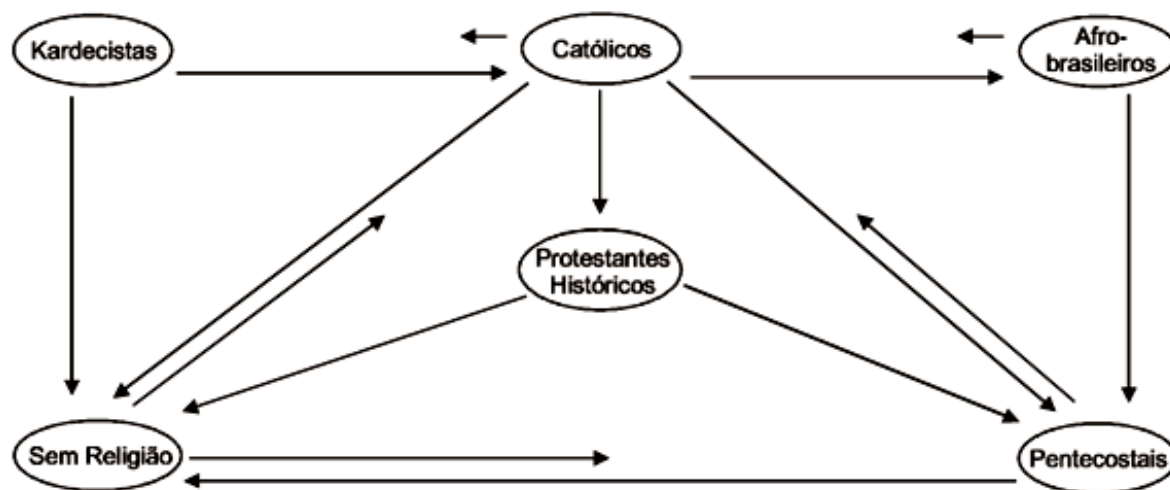
Religião Atual	Em porcentagem									
	Total	Sexo		Estratos Amostrais			Faixa Etária			
		Homens	Mulheres	CentroX	NorNor	SuX	16 a 25 Anos	26 a 40 Anos	41 a 55 Anos	56 a 65 Anos
Católica	67,4	66,3	68,3	67,9	74,2	64,3	68,3	64,7	68,5	72,8
Pentecostal	11,8	9,0	14,4	12,2	7,8	13,5	12,0	11,6	13,8	7,3
Protestantismo Histórico	5,2	6,2	4,3	7,0	6,3	4,3	4,7	3,9	6,4	9,4
Espírita Kardecista	2,9	2,7	3,1	3,4	2,0	3,2	1,2	4,1	3,8	1,3
Afro-brasileira	0,5	0,5	0,5	0,6	0,7	0,3	0,4	0,2	0,9	1,0
Outra	2,2	1,1	3,3	1,0	1,6	2,8	1,6	2,6	1,0	5,7
Sem Religião	9,7	13,9	5,9	7,9	6,8	11,5	11,4	12,6	5,3	2,6
Não Respondeu	0,2	0,3	0,2	0,0	0,5	0,2	0,4	0,2	0,2	0,0

Fonte: Ministério da Saúde. Pesquisa sobre Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções sobre HIV/Aids.

¹⁸ RONALDO DE ALMEIDA E PAULA MONTEIRO. *Trânsito Religioso no Brasil*. São Paulo Perspec. vol.15 no.3 São Paulo July/Sept. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?cript=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012.> Acesso em: 02/12/2009.



FIGURA 1
Padrões de Migração entre Religiões



Entretanto, dados do Censo 2000 – IBGE já apontavam as mulheres como maioria nas religiões, inclusive nas igrejas protestantes clássicas o que pode ser também ser percebido por aqueles que frequentam tais igrejas.

Outrossim, no decorrer do primeiro semestre do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, no ano passado (2009), como parte de um trabalho monográfico da disciplina “Educação, Trabalho, Religião e Gênero” realizei uma pesquisa sobre trânsito religioso de pentecostais para a Igreja Metodista, sob o olhar de gênero, na Congregação Metodista em Vila Progresso, cidade de Santo André. Nesta pesquisa, observou-se a presença de fiéis oriundos de igrejas pentecostais da Assembléia de Deus, Universal do Reino de Deus e a Comunidade da Graça, dentre outras; igrejas estas reconhecidamente com ênfase pentecostal.

E dela extrai indícios que respaldam a execução desta pesquisa, de modo a se averiguar seus dados em um universo um pouco mais amplo. Dentre outras informações coletadas gostaria de destacar as seguintes:

A Congregação Metodista em Vila Progresso possui aproximadamente 50 membros, mais 10 (dez) fiéis frequentadores assíduos não membros, totalizando uma média de frequência de 60 fiéis nos cultos. A amostragem foi de 29 entrevistados, o que corresponde a aproximadamente 50% de toda a igreja, sendo 15 homens e 14 mulheres. A partir dos dados obtidos destaca-se que 62% dos sujeitos entrevistados vieram de outra denominação cristã, isto é, um percentual aproximado de 30% do total de membros da igreja transitou religiosamente. Deste percentual de membros que



transitaram 27,58%, isto é, 8 dos 29 entrevistados vieram de igrejas pentecostais ou neo-pentecostais. Com relação ao percentual total do número de membros o percentual de fiéis envolvido neste tipo de trânsito religioso seria de aproximadamente 15%. Um percentual bastante elevado, principalmente se levarmos em conta a baixa incidência deste tipo de trânsito, de pentecostais para igrejas protestantes clássicas, dado até então não apontado pelas pesquisas.

Outro fator interessante é que este trânsito ocorreu, de um modo geral, nos últimos 10 anos e que o percentual de homens e mulheres que transitaram foi exatamente igual, 50%. Quando perguntados sobre a motivação de saída da religião/denominação cristã anterior, aproximadamente 21% das mulheres responderam questões de crença ou doutrina, distância localização, relacionamento (namoro, casamento) e identificação com a igreja, enquanto dentre os homens este percentual foi de 0% para estas respostas. Isto demonstra que apesar das mulheres ainda apontarem sua preocupação com o outro como motivação para transitar religiosamente, elas também transitaram por discordância de crença/doutrina o que corrobora com o já dito anteriormente sobre as transformações sociais, tendo em vista que parte delas deixaram suas igrejas sob esta motivação.

Do mesmo modo, ao se perguntar por aquilo que os entrevistados julgavam ser mais importante na igreja, entre as mulheres que transitaram de igrejas pentecostais, 75% fizeram opção por Aconselhamento Pastoral, 100% por comunhão, 75% pregação palavra e 100% por estudo bíblico. O interessante a destacar destes quatro itens, é que três deles estão relacionados à figura do pastor e, no caso da Congregação Metodista em Vila Progresso, se trata de uma pastora, o que assinala principalmente nas respostas de aconselhamento pastoral, uma preocupação da mulher consigo mesma, neste tipo de trânsito religioso. Todos os entrevistados disseram concordar com o ministério pastoral feminino e que entendem que homens e mulheres devem ocupar cargos e espaços na igreja de forma igualitária.

Apesar do universo de entrevistados não representar em números reais um percentual consistente para se chegar a uma conclusão, a partir desta pesquisa realizada, principalmente considerando a dimensão de toda região do grande ABCD paulista, ela certamente apresentou indícios para a análise de uma nova perspectiva de trânsito religioso nos fiéis, sob o olhar de gênero. Isto porque, considerando os dados da pesquisa de campo apresentada acima, tanto no que diz respeito às motivações da saída, quanto às motivações para escolha da nova religião/denominação cristã, o que se infere é uma mudança na forma, principalmente da mulher, de relacionar-se com a igreja (instituição) no tocante ao seu lugar e a sua forma de pensar a religiosidade.



Assim esta pesquisa tem grande relevância porque trabalha a hipótese de mudança de um fluxo migratório proporcionado, entre outros fatores, por questões de gênero. Ao descobrir a dimensão e a incidência destes casos de migração, bem como suas motivações, podemos estar diante de indícios que apontem para um quadro até aqui pouco observado em pesquisas e estudos sobre o trânsito religioso, que é a migração de pentecostais para igrejas protestantes históricas, bem como o gênero como fator motivacional para o trânsito religioso.

Bibliografia

- ALMEIDA, R. e MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. In: *Perspectiva*. São Paulo: SEADE, v 15, n° 3, 2001.
- ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do Movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CCPAD. 2007.
- BECKER, Jonas Rodrigo. *Trânsito religioso: Uma releitura crítica a partir da Teologia Prática – Desafios e perspectivas*. São Bernardo do Campo, dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, 2002. p. 79.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. Religião paga, conversão e serviço. In: *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, 1996, N° 45, pp 65-77.
- SOUZA, Sandra Duarte. Religião e Secularização: o gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil – Ensaio feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.
- SOUZA, Sandra Duarte. *Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua*. In: *Estudos de religião*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2001, n° 20.
- MACHADO, M. D. C. ; MARIZ, C. L. . *Mulheres e Práticas Religiosas - um estudo comparativo das CEBs, Comunidades Carismáticas e Pentecostais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 34, p. 71-87, 1997. Disponível em: < http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_05.htm.> Acesso em: 02/12/2009.
- RONALDO DE ALMEIDA E PAULA MONTEIRO. *Trânsito Religioso no Brasil*. São Paulo Perspec. vol.15 no.3 São Paulo July/Sept. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?cript=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012.> Acesso em: 02/12/2009.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS. Corpo, 1996.
- SILVA, Eliane Moura da Silva. *Fundamentalismo Evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas*. In: SOUZA, Sandra Duarte de (Org.). *Gênero e Religião no Brasil – Ensaio feministas*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.